

instituto de arte contemporânea



O neo-primitivo

Ivan da Silva Moraes

O neo-primitivo seria aquele artista sem escola, autodidata, que consegue manter o frescor elementar e transcender seu primarismo numa expressão artística de qualidade universal.

O termo neo-primitivo é usado numa tentativa de explicação para esse fenômeno surpreendente que é o do aparecimento de uma arte ingênua em plena civilização industrial e científica. Uma arte que não se contamina nas tendências nem no ar característico do século, trazendo um mixto de simplicidade e de fé.

Apesar de já ser conhecido do público através de dois trabalhos — "Filha de Oxún" e "Filha de Iansã", expostos no IX Salão Moderno, para Ivan, esta é contudo a sua primeira mostra representativa.

Trata-se do resultado de uma lenta evolução, a par com maturação da capacidade criativa, ambas visíveis, de maneira dispersa, desde a infância do pintor que sempre buscando, continua a trabalhar intensamente.

Seria superficial tratá-lo folclórico, ou procurar somente em sua obra, o pitoresco. Seus temas são como que pretextos de uma imaginação essencialmente plástica e sensível, que revestidos de dignidade, ofereçam dimensões sempre novas.

O caráter regional é episódico, testemunhando apenas uma fase da evolução, evolução esta que se salienta quando o trabalho "Virgem do Carmo", é analisado em relação a "Baianas". Já em "Estudos", vemos o surgir de uma nova etapa, onde não mais aparece o tema folclórico, anunciando-se assim a extensão do seu campo expressivo.

Nestas telas não há o esquemático ou estilizado. Algo mais revela na ousadia da composição, nos deslocamentos das perspectivas sonhadas, no peso das figuras magníficas. Partindo de uma singularidade profunda e vigorosa, o artista busca a exatidão na obra, dá a cada detalhe uma candura fresca de quem ilumina aquilo que talvez pudesse parecer apenas curioso.

Ivan não busca o exótico; sua força é serena e ampla, imprimindo-se em cada elemento. Transforma a realidade de que parte com sinceridade e fantasia, disso resultando uma arte simples, de sentimento e sensação.

Grandes e pequenos planos são conjugados harmoniosamente em composições diversificadas. Cada quadro contém sua singularidade particular, seu ritmo próprio, e é sempre possível ver mais quando se olha de novo.

A côr, ora profunda e misteriosa, ora clara e iluminada, expande-se em formas inventivas de grande riqueza, através de um tipo de matéria limpo e bem trabalhado.

Por tudo isso, é preciso ver Ivan não somente pelas soluções de problemas plásticos que apresenta, mas na intensidade da emoção que comunica através de força e certeza pictóricas relevantes. O que na realidade importa não é o instintivo, o autodinamismo ou o popular, mas sim a qualidade da mesma que atinge este artista, dispensando apresentações, renova o espectador aproximando-o da arte.

Anna Sant'Anna

Rio de Janeiro, 1960

RENÉ B. LÚCIO (1946)

Num salto muito amplo e rápido — em seis meses apenas — o jovem artista descobre sua pintura, passando de um caricaturismo pictórico a uma expressão direta e vigorosa, cujos elementos têm em si caráter de expansividade e são ordenadamente entrelaçados. A invenção por certo, tem sempre este sentido do inesperado, abre todo um campo, dentro do qual seu desenvolvimento poderá prosseguir.

De onde partiu? Sua imaginação e fantasia inventivas, nos levam ao jovem que procura ver,

que se aprofunda, que pode expandir-se ainda em várias direções, pela qualidade que hoje demonstra. Não havia nada seu até bem pouco tempo, talvez — contrariando uma potencialidade já expressa, não haja coisa alguma mais tarde — na realidade estas conjecturas pouco nos interessam, procuramos penetrar em sua obra, respeitando-a como é.

A obra ainda é maleável. Nela se julgam o preto e o branco figuras em multidão, num todo sério e exato. Não há vazios nos desenhos, as formas fluem numa harmonização perfeita do espaço. O branco é verificado por um traço livre, integrado, que cria dimensão rítmica e intensidade, flue sem ser leve. Não se nota o inconseqüente casual, como também não se vêem soluções fáceis de primeira mão; René compenetra-se da seriedade da obra, pesquisa, inventa, simplifica, dá maior alcance. A introdução da côr abriria talvez novas possibilidades à sua arte, mas interessa-o agora o desenho, o jôgo dos contrastes sem fundo, organizados e sem sobreposições.

Sua técnica é simples, direta. Trabalha com pinceladas fortes e largas que delimitam o espaço e transmitem emoção. Em seus guaches não parte de esquemas pré-traçados, procura o símbolo na deformação, sem apôio dirêto de qualquer corrente artística, a não ser talvez, empregando um espírito expressionista e transformando-o dentro do seu próprio espírito.

Sua obra revela-se de grande permeabilidade, num caráter quase transparente, expresso no movimento entre dramático e lírico das figuras que, enquanto tensas e firmes, conseguem ser fluidas.

Não se trata de um artista maduro, nem de um menino prodígio, mas de alguém simplesmente que vai ao encontro da arte — ainda falho, sem esconder-se entretanto sob adôrnos ou superficialidades, caminhando coerentemente.

Anna Sant'Anna

Rio de Janeiro, 1960

O neo-primitivo

Ivan da Silva Moraes

O neo-primitivo seria aquele artista sem escola, autodidata, que consegue manter o frescor elementar e transcender seu primarismo numa expressão artística de qualidade universal.

O termo neo-primitivo é usado numa tentativa de explicação para esse fenômeno surpreendente que é o do aparecimento de uma arte ingênua em plena civilização industrial e científica. Uma arte que não se contamina nas tendências nem no ar característico do século, trazendo um mixto de simplicidade e de fé.

Apesar de já ser conhecido do público através de dois trabalhos — "Filha de Oxún" e "Filha de Iansã", expostos no IX Salão Moderno, para Ivan, esta é contudo a sua primeira mostra representativa.

Trata-se do resultado de uma lenta evolução, a par com maturação da capacidade criativa, ambas visíveis, de maneira dispersa, desde a infância do pintor que sempre buscando, continua a trabalhar intensamente.

Seria superficial tratá-lo folclórico, ou procurar somente em sua obra, o pitoresco. Seus temas são como que pretextos de uma imaginação essencialmente plástica e sensível, que revestidos de dignidade, ofereçam dimensões sempre novas.

O caráter regional é episódico, testemunhando apenas uma fase da evolução, evolução esta que se salienta quando o trabalho "Virgem do Carmo", é analisado em relação a "Baianas". Já em "Estudos", vemos o surgir de uma nova etapa, onde não mais aparece o tema folclórico, anunciando-se assim a extensão do seu campo expressivo.

Nestas telas não há o esquemático ou estilizado. Algo mais revela na ousadia da composição, nos deslocamentos das perspectivas sonhadas, no peso das figuras magníficas. Partindo de uma singularidade profunda e vigorosa, o artista busca a exatidão na obra, dá a cada detalhe uma candura fresca de quem ilumina aquilo que talvez pudesse parecer apenas curioso.

IVAN DA SILVA MORAES

- 1 — CANDOMBLÉ — Filha de Oxún
- 2 — CANDOMBLÉ — Filha de Iansã
- 3 — CANDOMBLÉ — Cantando para Oxún
- 4 — CANDOMBLÉ — Orixás
- 5 — AFOCHÉ
- 6 — BAIANAS I
- 7 — BAIANAS II
- 8 — ESCOLA DE SAMBA — Ala de Baianas
- 9 — NOSSA SENHORA DO CARMO

RENÉ B. LUCIO

DESENHOS

instituto de arte contemporânea

**dois alunos do
curso de pintura
de ivan serpa**

**museu de arte moderna do rio de janeiro
dezembro 1960**